



Coleção: Família e Desenvolvimento Humano

Envelhecimento & Intergeneracionalidade

OLHARES INTERDISCIPLINARES

Volume 2

Elaine Pedreira Rabinovich
Lúcia Vaz de Campos Moreira
Eliana Sales Brito
Marilaine Menezes Ferreira

Organizadoras



Elaine Pedreira Rabinovich
Lúcia Vaz de Campos Moreira
Eliana Sales Brito
Marilaine Menezes Ferreira
(Organizadoras)

**ENVELHECIMENTO &
INTERGERACIONALIDADE:
olhares interdisciplinares**

Coleção Família e desenvolvimento humano
Volume 2

EDITORA CRV
Curitiba – Brasil
2019

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Arte de Capa: André Vaz de Campos Moreira Tourinho
Logotipo da Capa: Rita Escobar
Revisão: Marize Marques Pitta e Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

En61

Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares / Elaine Pedreira Rabinovich, Lúcia Vaz de Campos Moreira, Eliana Sales Brito, Marilaine Menezes Ferreira (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2019.
456 p. (Coleção Família e desenvolvimento humano – volume 2)

Bibliografia

ISBN Coleção 978-85-444-2962-4
ISBN Volume 978-85-444-3065-1
DOI 10.24824/978854443065.1

1. Ciências humanas 2. Envelhecimento 3. Integeracionalidade 4. Interdisciplinaridade
I. Rabinovich, Elaine Pedreira. org. II. Moreira, Lúcia Vaz de Campos. org. III. Brito, Eliana Sales. org. IV. Ferreira, Marilaine Menezes. org. V. Título VI. Série.

CDU 362.6

CDD 618.97

Índice para catálogo sistemático
1. Envelhecimento 618.97

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2019

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

CAPÍTULO 18

AVÓS E NETOS FACE ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Rosa Maria da Motta Azambuja⁹⁵

Maria Natália Pereira Ramos⁹⁶

1. Introdução

Vários autores têm destacado o aumento do número de avós em virtude da maior longevidade da população, designadamente brasileira e portuguesa, além das mudanças que se verificam em relação ao papel do idoso na sociedade e na família contemporâneas, nos âmbitos nacional e internacional (RAMOS, 2005, 2012, 2013, 2016a, 2017; CARDOSO, 2011).

O envelhecimento populacional faz parte, na atualidade, da realidade de grande parte das sociedades e irá acentuar-se nas próximas décadas. Este fenômeno é uma resposta às mudanças de indicadores demográficos e de saúde, principalmente à queda da fecundidade e da mortalidade e ao aumento da expectativa de vida (RAMOS, 2016a, 2017; BRASIL, 2007).

Dados da Organização Mundial da Saúde estimam que, em 2025, existirá um bilhão e duzentos milhões de pessoas com mais de 60 anos. Destes, aproximadamente 75% viverão nos países desenvolvidos, sendo que o grupo etário das pessoas com 80 ou mais anos será o de maior crescimento. Na União Europeia (UE), estima-se que em 2020 haja cem milhões de cidadãos idosos e que, destes, entre dezessete e vinte e dois milhões tenham 80 ou mais anos. Cerca de 20% da população portuguesa tem mais de 65 anos, constituindo-se Portugal em um dos países europeus e do mundo mais envelhecidos (RAMOS, 2016a).

Segundo os dados da “Síntese de Indicadores Sociais” (IBGE, 2015), em 2030, a proporção de idosos no Brasil será de 18,6% e, em 2060, de 33,7%. Portanto, trata-se do grupo etário que mais cresce na população brasileira,

⁹⁵ Pedagoga. Mestre e Doutora em Família na Sociedade Contemporânea (Universidade Católica do Salvador). Tutora de Mestrado em Educação da Universidade de la Empresa de Montevideo – UY. E-mail: psicoazambuja@hotmail.com

⁹⁶ Psicóloga. Doutora e Pós-Doutora em Psicologia Clínica e Intercultural (Universidade de Paris V, Sorbonne). Professora Associada da Universidade Aberta (UAb), Lisboa, Portugal. E-mail: natalia@uab.pt

sendo justificável um olhar atento para as questões sociais e de saúde que afetam esse público.

De acordo com o “Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde” (OMS, 2015), ao longo do tempo, houve mudanças na percepção do envelhecimento, dentre elas está a noção de que a idade avançada não significa dependência. O estereótipo de discriminação etária generalizado leva à suposição de que pessoas mais velhas são sempre dependentes e constituem um fardo para as suas famílias e para a sociedade.

Esse pensamento, presente no imaginário social, ignora as contribuições das pessoas idosas para a economia e em outros cenários, como exemplo, o apoio emocional fornecido em situações de estresse, de crise familiar ou de desamparo na família (RAMOS, 2005, 2013, 2016a; CUNHA, 2017).

Para as autoras, esta etapa de vida possui as suas especificidades, sendo necessário que seja compreendida por meio da sua relação com os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos, funcionais e sociais. Esse processo se estrutura a partir dos contextos culturais em que o idoso está inserido.

Sendo assim, o envelhecimento é um processo natural e gradativo de todo ser humano, no qual o contexto social, cultural, econômico e ambiental pode qualificar ou prejudicar esse processo. Dessa forma, os apoios nos âmbitos familiar e social e as políticas públicas são elementos essenciais para que a pessoa idosa vivencie este momento de forma satisfatória e saudável (AREOSA; BENITES; WICHMANN, 2012; RAMOS, 2013).

Na visão de Bosi (2004), o processo de envelhecer abrange uma categoria social. Nesse sentido, em uma sociedade capitalista, de valorização da produção e do trabalho, o idoso encontra-se excluído, já que não mais faz parte da rede de trabalho. Essa perspectiva é importante para compreender a visão de pessoa, de família e de sociedade que constitui a subjetividade de cada idoso.

Porém, as novas imagens de envelhecimento apresentam transformações sociais que reconstróem identidades, ocasionando um novo olhar e a discussão sobre as categorias de família, envelhecimento e relações intergeracionais no contexto da dependência/interdependência geracional (RAMOS, 2012; PACHECO; ALVES, 2012; CUNHA, 2017). As autoras ainda salientam que essas mudanças sociais da família contemporânea influenciam na redefinição dos relacionamentos familiares, modificando o dia a dia dos vínculos internos e trazendo uma nova imagem do idoso, ou seja, rearranjos de papéis e funções que se refletem no contexto e no cotidiano da pessoa idosa.

Outro aspecto relevante é que as oportunidades de maior interação entre gerações têm aumentado devido ao crescente número de avós vivos e ao período de velhice saudável e, por isso, é mais provável que os avós construam com os netos uma relação que se prolongue. Por exemplo, o papel

de avô/avó surge, em média, aos 50 e 60 anos de idade, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver, em comum, duas a três décadas, sendo que a terceira década ocorrerá já com os netos adultos e com os bisnetos (SOUSA, 2006).

Esse maior tempo de convivência pode ocorrer em um contexto de dependência ou independência dos avós; daí que não se pode desejar apenas que os avós cuidem dos netos: cada vez mais se poderá esperar e verifica-se que também os netos cuidem dos avós. “Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior debilidade” (HARPER, 2006, p. 40). Em termos demográficos, este fato tem implicações importantes na tessitura da família e nos papéis dos seus membros, principalmente das avós.

Assim, por muito tempo, o olhar que se tinha para uma avó era o de uma mulher com cabelos brancos, presos em forma de coque, pele enrugada, corpo encurvado, sentada em uma cadeira de balanço, contando histórias e fazendo doces para seus netos (MELCA, 2013). No entanto, este posicionamento e esta imagem têm sofrido alterações na contemporaneidade, e os estudos têm apontado a presença da coeducação entre gerações, geralmente associada ao uso da internet, além da coexistência de até cinco gerações devido ao envelhecimento populacional (RABINOVICH; AZAMBUJA, 2017).

As autoras apontam que, até mesmo na literatura infantil, no Brasil, é possível observar essas mudanças sócio familiares na imagem da personagem avó/avô que passa a ser descrita como tendo um corpo, não apenas marcado pelo sofrimento e limitações, mas também pelo afeto e prazer, em namoros e recasamentos, e pela interação com os netos em nível de cumplicidade democrática. “Esta ‘nova’ avó é descrita como ativa, comunicativa, presente na vida dos netos e colaborativa, contrapondo-se à imagem da avó tradicional quanto à vestimenta, hábitos, comportamentos e atitudes” (RABINOVICH; AZAMBUJA, 2017, p. 93).

Saindo da literatura e emergindo na realidade, as avós idosas contemporâneas dos grandes centros urbanos, designadamente brasileiros e portugueses, também, não atendem a essa visão tradicional. Há avós idosas que participam de novas experiências, como lazer em grupo e retorno ao mercado de trabalho. Buscam ser joviais, ativas e estar bem para a idade, sem que isto interfira no afeto que sentem pela terceira geração. Elas relatam ser apaixonadas por seus netos. Descrevem um amor desinteressado, sem o ônus do compromisso e das regras. Enfim, as avós podem ter mudado a sua imagem e o posicionamento social, mas a solidariedade e o amor pelos netos não mudaram (RAMOS, 2005, 2012, 2013, 2016a, 2017; MEDEIROS; FRANCISCHINI, 2014).

Se a facilidade em compreender a ferramenta tecnológica do computador pode proporcionar às crianças e aos jovens oportunidades de ensinar adultos e idosos e promover as relações intergeracionais, então, como é a relação entre avós e netos nos ambientes virtuais? O que pensam as crianças a respeito do uso das novas tecnologias pelos avós? Face ao exposto, expõe-se, a seguir, um breve panorama dos avós tradicionais e modernos dos últimos 60 anos e, especificamente, procura-se compreender a relação entre avós e netos nos ambientes virtuais. Para mapear o uso e os hábitos de avós e netos, recorreremos à revisão de literatura em bases nacional e internacional.

2. Avós de outrora e do presente

Nem sempre o modelo de avó/avô foi, no passado, como é atualmente. A História mostra que os avós mudaram, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, mas, inevitavelmente, o conceito de avós está ligado à idade, aos mais velhos (ATTIAS-DONFUT; LAPIERRE; SEGALEN, 2002; RAMOS, 2005, 2017).

As relações entre avós e netos, embora sempre tenham existido, apenas a partir da década de 1940 tornaram-se alvo de investigações, as quais têm acompanhado o desenvolvimento da sociedade e as evoluções a que esteve sujeita (OLIVEIRA, 2011).

A geração nascida nos anos 40/50 assistiu a mudanças sociais como a configuração de novos modelos de relação conjugal, os novos tipos de educação, o acesso à contracepção e interrupção da gravidez, bem como à participação massiva das mulheres no mercado de trabalho (ATTIAS-DONFUT; LAPIERRE; SEGALEN, 2002). Além disso, deve-se levar em conta o fato de que a expectativa de vida nessa época era baixa. Sendo assim, poucas dessas mulheres conheceram ou conviveram com os seus netos (LOPES; NERI; PARK, 2005).

Em meados dos anos 50, em sua grande maioria, as famílias caracterizavam-se pela família nuclear, pela delimitação rígida de papéis, de acordo com o gênero, em que o homem era o provedor e a mulher tinha a função de procriar, cuidar dos afazeres domésticos e, além disso, mediar relações intrafamiliares (ANTÓNIO, 2010).

Na década de 60, assistiu-se à generalização do modelo de família nuclear isolado e à diminuição do poder dos avós. O aumento da taxa de natalidade e do número de casamentos promoveu o modelo de família nuclear e afastou os avós para segundo plano. Eles desempenhavam um papel mais tradicional, limitando-se a brincar, contar histórias e visitar os netos, por exemplo (DIAS; SILVA, 1999).

No final dos anos 1960 e início dos 1970, entrou em cena e teve forte influência sobre as pesquisas, o novo estatuto dos avós mostrando que o “papel de avós” era um dos poucos papéis ainda significantes para os idosos, dado que eles estariam supostamente desengajados do mundo social e do ambiente de trabalho. O aumento do número de separações e divórcios que ocorreu nessa época também fez com que as pesquisas sobre os avós em tempos “de crise familiar” entrassem em debate.

Já nos anos 70 e 80, os avós foram associados a papéis de poder, controle, apoio emocional e financeiro. Na década de 70, houve uma redefinição e revalidação do papel dos avós e uma subida da taxa de atividade feminina fora do lar, o que contribuiu para a generalização da ideia de que os avós seriam os únicos salvadores da família (ANTÓNIO, 2010). Mas, somente nos anos 1980 observa-se que os estudos sobre a avosidade emergiram como um tópico de pesquisa em seu próprio direito, ao invés de ser um apêndice do cuidado intergeracional e das relações familiares (RAMOS, 2011).

Nos anos 90, constatou-se a existência de um modelo familiar alargado, constituído de diferentes tipos de arranjos, o que possibilitou mudanças nas relações entre avós e netos, trazendo à tona as vantagens desse convívio (OLIVEIRA, 2011). Face às dificuldades que as famílias enfrentavam, como: a generalização do uso de drogas; o aparecimento da AIDS; o aumento das separações e dos divórcios; o aumento do número de gravidezes precoces bem como do ingresso das mulheres no mercado de trabalho; o crescente número de idosos dependentes e o agravamento das dificuldades econômicas fizeram com que o papel dos avós continuasse a se destacar, pois eles representavam um papel fundamental para a sobrevivência da família (RAMOS, 2005, 2016a, 2017; ANTÓNIO, 2010).

No presente século XXI, as novas tecnologias tomaram uma proporção globalizadora e estão disseminadas no cotidiano da humanidade, da educação, das famílias e das diferentes gerações. Uma das características marcantes da sociedade tem sido o aumento progressivo da população idosa e o avanço e desenvolvimento cada vez mais intenso das tecnologias de informação e comunicação (KENSKI, 2006, 2010; CASTELLS, 2007; LOOS; HADDON; MANTE-MEIJER, 2012; RAMOS, 2016a, 2016b, 2017; MACIEL; PECIN; TENÓRIO, 2012). Estas tecnologias ocupam um papel cada vez mais importante, integrando a “Agenda Digital para a Europa” da Comissão Europeia (EC, 2011), vindo favorecer a comunicação e a educação entre as gerações, os novos processos de ensino-aprendizagem, a formação ao longo da vida e a inclusão social e digital. A literacia mediática afigura-se como uma competência necessária para viver e comunicar no século XXI.

Na era digital, a geração mais nova tem intimidade e atração precoce pelos artefatos tecnológicos, assimila facilmente as mudanças, pois já convive, desde tenra idade, explorando os brinquedos eletrônicos e/ou brincando com o celular dos pais ou de outros familiares. A internet tem sido apropriada cada vez com maior frequência a partir dos seis anos de idade, um pouco por todo o mundo e, também no Brasil e em Portugal, as crianças já estão sendo alfabetizadas e passando a utilizar a rede, muitas vezes, sem controle familiar (AMARAL; BEHAR; DORNELLES, 2007; MARQUES, 2012).

Outro elemento a ser considerado é a diferença de gerações entre os usuários da Internet: de um lado temos os chamados “nativos digitais” e, de outro, temos uma grande quantidade de usuários que tiveram contato tardio com essas tecnologias. Enquanto o primeiro grupo mais facilmente pode desenvolver habilidades, o segundo necessitou se adaptar, reaprender e mudar atitudes e comportamentos (DESIDERA; ZUBEM, 2012).

Nesse sentido, a geração adulta e mais velha, de origem anterior à disseminação do universo digital e da internet, não consegue acolher e extrair tranquilamente os benefícios dessas evoluções com a mesma presteza e eficácia de assimilação dos jovens (KACHAR, 2003). No contexto em que as populações, sobretudo as gerações mais jovens, se apresentam como usuárias de Internet em proporções tão significativas, torna-se fundamental compreender os desafios gerados por essa nova realidade na sociedade aberta, tecnológica e em rede contemporânea (ASSIS, 2012; RAMOS, 2016b). Como salienta Kenski (2006, p. 41): “Abrir-se para novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica é um desafio a ser assumido por toda a sociedade”.

A seguir, será apresentado um projeto bem-sucedido entre avós e netos fazendo uso das tecnologias de informação e da comunicação, que foi desenvolvido em Portugal.

3. Projeto Tina: tecnologias de informação para netos e avós

O projeto “Tecnologias de Informação para Netos e Avós” (TINA) foi lançado em 2010, em Portugal, com vista a oportunizar a relação entre avós e netos por meio das TIC, nomeadamente de tecnologias da Internet.

O momento para dinamizar esta relação é oportuno, já que as preocupações com o fenômeno do envelhecimento e, conseqüentemente, com a melhoria da qualidade de vida dos mais velhos, é um dos temas que está na ordem do dia dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (GONÇALVES; PATRÍCIO, 2011, p. 287).

Segundo os respectivos autores, esta experiência piloto decorreu entre abril e junho de 2010 no distrito de Bragança, no norte de Portugal, com a realização de ações de formação para avós com mais de 50 anos e acompanhados dos netos com mais de cinco anos, sem obrigatoriedade de relação de parentesco entre os pares, que permitiu fornecer as competências básicas em TIC e a participação em *workshops* de utilização de ferramentas Web de comunicação entre avós e netos.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a elaboração de um manual de TIC com o objetivo de ajudar avós e netos nesta viagem pela Internet, acompanhados do “Avô Continhos” e dos seus netos: “Bilhó” e “Casquinha”, personagens desenvolvidas pelos pesquisadores do projeto.

Segundo os autores, o programa de formação básica em TIC incidiu nos seguintes conteúdos: Introdução aos Windows, Word, Excel e internet. Após essa formação, promoveram dois *workshops*: o primeiro, sobre Segurança na Internet, destinado aos pais das crianças e mesmo a avós que desejassem participar, tendo como objetivo informar e alertar os pais para os perigos a que os seus filhos ou netos estão expostos quando navegam na Internet, bem como formas de minimizar eventuais ameaças; e o segundo abordou a utilização de ferramentas Web de comunicação/interação entre avós e netos. No final, houve um espaço dedicado à socialização entre os participantes das duas localidades e a partilha das descobertas, experiências e vivências adquiridas no âmbito do Projeto.

O resultado do estudo evidenciou que os participantes do sexo feminino eram a maioria, tanto das avós como das netas; o principal motivo que os levou a participar deste projeto foi divertir, socializar, aprender a utilizar as TIC, além de passar mais tempo com o(a) neto(a)/avô(ó). Com relação às ferramentas tecnológicas, foi apurado que 43% dos netos possuíam equipamento informático próprio com ligação à Internet, enquanto que 48% dos avós não possuíam e a frequência de utilização das TIC era reduzida, apenas uma vez na semana, tanto para os netos (76%) quanto para os avós (87%). Além disso, foram verificadas limitações de acessibilidade por parte dos avós em nível de destreza no manuseio com o mouse, teclado e visualização na tela. “Contudo, a dinamização da relação entre avós/netos através das TIC e da Internet, proporcionou a aquisição de competências básicas para a interação/comunicação entre netos e avós” (GONÇALVES; PATRÍCIO, 2011, p. 289).

4. Skype: avós que acompanham o crescimento dos netos por meio do espaço virtual

O uso da tecnologia, a princípio, aparenta substituir o relacionamento humano pela máquina, contudo, avós e netos utilizam essa ferramenta para

aproximá-los, ainda que não haja o toque, o afago, o abraço, ou seja, o funcionamento do sistema comunicacional cinestésico, mas ele pode ser compensado por meio da visão e da audição permitidos pelo *Skype* (ROCHA, 2013).

No momento da comunicação, ambos têm o domínio do espaço virtual, por isso estão no mesmo patamar de conhecimento, “não apenas os mais velhos têm muito a ensinar às novas gerações, como também os jovens vêm ensinando a eles a utilizar e a conviver com essas complexas novidades tecnológicas” (ROCHA-COUTINHO, 2006; RAMOS, 2011),

O usuário do computador não busca programar ou inferir nos mecanismos de comportamento das interfaces computacionais, mas sim, por meio da simples comunicação, busca interagir, externalizando emoções, intenções, desejos e sensações (PASCOALOTTI, 2010).

A pesquisa de Rocha (2013), com cinco avós que acompanham o crescimento dos netos através do *Skype*, identificou que estes procuram perguntar o que aconteceu na escola, sobre as aulas que tiveram, os deveres, as pesquisas e se poderão ajudá-los em alguma coisa. Geralmente, eles ensinam os netos com a ajuda da internet, estes, pesquisam e mostram aos avós que avaliam se aquela pesquisa merece ou não credibilidade. Também compartilham os conflitos que têm com os pais, contam a sua versão, na tentativa de buscar adesão dos avós nas causas ‘perdidas’, e, na maioria das vezes, conseguem (ROCHA, 2013). Segundo a autora, essa comunicação entre avós e netos desenvolve a cooperação e a confiança, faz com que essa relação se fortifique, com o tempo, pela proximidade e cumplicidade entre os atores familiares que dialogam no ciberespaço, e fortalece os laços afetivos.

Por meio do *Skype*, que ocorre de forma síncrona, porque ocorre simultaneamente, quando avós e netos estão conectados, mas também pode ocorrer de maneira assíncrona, quando estão *off-line*, mas deixam uma espécie de correspondência, uma mensagem na caixa de e-mail (PASQUALOTTI; BARONE; DOLL, 2012).

Assim, o canal de comunicação entre os interlocutores ficou mais acessível e viabilizou a aproximação entre as pessoas, que por algum motivo estão distantes, em bairros ou cidades ou ainda em estados diferentes (ROCHA, 2013). Estas novas realidades comunicacionais e tecnológicas vêm contribuir para esbater as fronteiras e distâncias geográficas, culturais, geracionais e comunicacionais.

5. TIC: percepção dos netos no modo de partilhar com os avós

Dados da pesquisa *Cartoon Network* revelam que as crianças entre seis e oito anos usam a tecnologia de forma mais passiva, com foco no entretenimento e em atividades que não exijam a divisão da atenção. Isso se deve ao fato de

que, nessa fase, as crianças ainda estão desenvolvendo sua coordenação motora fina. Na faixa etária entre nove e onze anos de idade, começa a haver uma interação maior, com busca também pela informação. Nessa fase, o celular também é incorporado, é quando se dá o pico de utilização dos videogames, principalmente pelos meninos. A partir dos doze anos, a comunicação também passa a ser objetivo. Há domínio total das ferramentas e a música também passa a ser um dos focos de atenção.

Outro dado é que mais de 70% das meninas pesquisadas usam programas de comunicação instantânea, sendo que 46% delas usam o MSN todos os dias e 22% passam de uma a duas horas conversando (TINIT, 2008).

A ciberinfância refere-se às crianças que lidam com as tecnologias, sendo essa apenas uma das diferentes infâncias que constituem a nossa sociedade atual, a “sociedade em rede”. O tipo de infância que acessa e manipula facilmente os recursos tecnológicos têm sido nomeada por diferentes autores de forma distinta, designadamente: “nativos digitais”; “infância hiperrealizada”; “homo zapping”; “geração digital”; “geração-net”; e “cyberinfância” (RI-VOLTELLA, 2003; AMARAL; BEHAR; DORNELLES, 2011). A novidade é que, na relação entre crianças e avós, a *cyberinfância* também se refere a esse novo tipo de infância (RAMOS, 2011).

Na pesquisa de Ramos (2011), por meio de entrevistas com 20 meninas e 16 meninos, as crianças foram convidadas a falar sobre algumas das diferentes interfaces que constituem a relação delas com os seus avós, fazendo uso da linguagem escrita e plástica, entendida como uma linguagem visual, por meio da qual elas expressam e significam modos de interpretar o mundo que as cerca. Na fala das crianças foi possível perceber o que pensam sobre a relação com os seus avós diante da tecnologia.

Como os “avós vivem há anos, eles só conhecem a tecnologia de antigamente, eles não sabem como funciona a tecnologia moderna” (Alexandra). Depois, “na época deles, era tudo mais caro e eles não tinham como comprar computador, essas coisas” (Yasmim). Como as crianças tiveram contato com “todas as novas tecnologias desde pequenas” (Daniele), e os avós “podem nunca ter mexido nisso antigamente” (Daniele), cabe a elas “ensinar a tecnologia que chegou agora para eles” (Pedro). No desenho de Amanda, a neta ensina o avô a clicar no computador “clica aqui ó” – e ele afirma ter entendido – “Tá!”, o avô responde. No desenho de Betina, a neta ensina o avô a usar o computador corretamente e ele responde admirado: “Oh...entendi agora!”.

O computador é, sem dúvida, uma das tecnologias mais citadas pelas crianças. É ali que elas ensinam aos seus avós “como se liga” (Jaqueline), “onde se colocam as coisas” (Érica), “como entrar no Google” (Diego) ou “como fazer o MSN” (Carol). Contudo, as crianças percebem que a apropriação dessa

linguagem não se dá sem esforço por parte da geração mais velha. O manuseio do mouse, a relação entre o mouse e a tela, assim como a própria orientação com os ícones foram apontados pelas crianças como ações muitas vezes difíceis de ser desempenhadas por seus avós (RAMOS, 2011; GONÇALVES; PATRÍCIO, 2011).

Os netos, muitas vezes, estimulam os seus avós, ensinando-lhes as novas linguagens, a navegar na internet, a teclar no MSN, a responder a um *torpedo*, a movimentar o *mouse* ou a ver-se pela *webcam* e ensinando-lhes como eles podem interagir com esses equipamentos e programas aparentemente estranhos e desconhecidos (RAMOS, 2011).

Porém, não é apenas no computador que as crianças ensinam, entre as novas tecnologias também estão os celulares, os televisores, as máquinas fotográficas digitais ou os aparelhos de DVD, que vão se modernizando continuamente, quer nos modelos, quer nos recursos disponíveis (PASQUALOTTI; BARONE; DOLL, 2012).

Por isso, adquirir novo aparelho, nem sempre é algo tranquilo para os avós. “O celular de antigamente era fácil de mexer”, diz Pedro, “[...] ele era grande e tinha poucos botões. Mas hoje tem váááários tipos! Nos antigos, tu apertavas o botão do meio e atendia, agora os idosos continuam apertando no meio, mas ninguém sabe o que faz a tecla vermelha, a tecla verde e o que tem atrás daquele botão”, complementa. O que Pedro está explicando é que, se antes o telefone celular era feito apenas para falar, agora tem múltiplas utilidades: pode-se escrever e receber mensagens de texto e de voz, tirar fotografia, acessar a internet, jogar, calcular, despertar no horário desejado, servir como agenda ou como rádio. E tudo isso requer uma nova aprendizagem, que vai além de apertar o botão e dizer “alô” (RAMOS, 2011, p. 350).

Para Amaral, as descobertas tecnológicas estão conectadas a um determinado período histórico, representando experiências únicas, singulares, particulares de cada um, de cada geração (AMARAL, 2010, p. 122).

Atualmente, as crianças estão imersas em uma nova cultura da sociedade aberta, intercultural e em rede. Os espaços e as relações infantis, como o mundo, mudaram, bem como os seus brinquedos, o seu “brincar” e as suas formas de pensar e construir a sua realidade. Por isso, nas brincadeiras entre avós e netos, entre as gerações mais velhas e mais jovens, as TIC, a internet, os jogos eletrônicos também aparecem como um novo espaço de aprendizagem, interação, comunicação e educação intergeracional e intercultural, de promoção do desenvolvimento e do envelhecimento ativo (RIVOLTELLA, 2003; AMARAL; BEHAR; DORNELLES, 2007; PEREIRA; NEVES, 2011; RAMOS, 2011; GONZALEZ; RAMIREZ; VIADEL, 2012; RAMOS, 2016b; VILAS BOAS et al., 2017a, b).

6. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo apresentar uma revisão integrativa da literatura científica acerca do tema da relação avós e netos diante das novas tecnologias, buscando: conhecer as tecnologias de informação para netos e avós; descrever a relação dos avós que acompanham o crescimento dos netos por meio do espaço virtual; focalizar, a partir da oralidade infantil, da linguagem escrita e plástica, o modo de compartilhar com os avós as novas tecnologias.

As questões que nortearam a pesquisa foram: Como é a relação entre avós e netos nos ambientes virtuais? O que pensam as crianças a respeito do uso das novas tecnologias pelos avós?

Acerca da relação entre avós e netos, observa-se que a dinamização por meio das TIC e da Internet proporciona a aquisição de competências básicas para a interação/comunicação, além de oferecer apoio intergeracional prestado pelos avós por meio do *Skype*, que é o telefone pela internet, mas com imagem em tempo “real”, constituindo uma situação que aproxima as pessoas, porque a imagem e a voz vão sendo percebidas diariamente. Assim, os avós podem acompanhar o crescimento dos netos, dando conselhos, ajudando nas tarefas escolares, ouvindo as queixas contra os pais. Essa comunicação desenvolve a cooperação e a confiança, fazendo com que essa relação se fortifique, com o tempo, pela proximidade e cumplicidade entre os atores familiares, que dialogam no ciberespaço e fortalecem os laços afetivos.

Quanto à percepção das crianças a respeito do uso das novas tecnologias pelos avós, os netos mostraram o quanto os recursos tecnológicos têm sido importantes, diminuindo a fronteira entre eles. Com o uso da *webcam*, as crianças conseguem conversar e frequentar virtualmente as suas casas, acompanhando muitos dos acontecimentos que lá ocorrem. Os contatos por Orkut, MSN e telefone também foram evocados como positivos para a relação.

Conclui-se, assim, que a relação entre avós e netos por meio das TIC e da internet constitui um tema novo para a literatura científica e para a pesquisa. Os avós e netos que utilizam essa tecnologia são beneficiados pela diminuição da distância geográfica e, também, da distância entre o aprendizado e o conhecimento entre ambos. As crianças e jovens têm mais rapidez, facilidade e interesse em manusear a internet e ensinam aos seus avós; enquanto que os avós transmitem valores como respeito e honestidade para os netos. Ocorre um ‘trânsito de mão dupla’ e ambos constroem uma relação mais próxima e coeducativa entre gerações mais jovens e mais velhas. Além disso, a tendência para o uso destas ferramentas promove reforço afetivo intergeracional, proporciona a aquisição de competências básicas para a interação/comunicação, desenvolve a cooperação e a confiança. Isso faz com que essa relação se fortifique, com o tempo, pela proximidade no ciberespaço, fortaleça os laços afetivos e a comunicação intergeracional e promova o desenvolvimento em geral.

REFERÊNCIAS

AMARAL, C; BEHAR, P.; DORNELLES, L. Ciberinfância: um desafio para os planejamentos pedagógicos. **Renove: Novas Tecnologias na Educação**. v. 5 n. 2, p. 23-33. dez. 2007.

ANTÓNIO, S. **Avós e Netos, relações intergeracionais**: A matrilinearidade dos afectos. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2010.

AREOSA, S. V. C; BENITEZ, L. B; WICHMANN, F. M. A Relações familiares e convívio social entre idosos. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 184-192, jan./jul.2012

ASSIS, Regina de. Desafios, dilemas e interpretações sobre os usos da internet por crianças, adolescentes e jovens brasileiros. In: **TIC Kids**: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes, 2012, p. 221-227.

ATTIAS-DONFUT, C.; LAPIERRE, N.; SEGALIN, M. **Le nouvel esprit de famille**. Paris, Éditions: Odile Jacob, 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 484 p.

CARDOSO, Andréia R. **Avós no século XXI, mutações e rearranjos na família contemporânea**. Curitiba: Juruá, 2011.

CASTELLS, M. A **Sociedade em Rede**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CUNHA, U. C.C. **Idosos que chefiam lares multigeracionais por reabilitação: escolha ou falta de opção?** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.

DESIDERÁ, Lucimara; ZUBEN, Miriam Von. Crianças e Adolescentes: usando a internet com segurança. In: **TIC Kids Online Brasil**: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes, 2012, p. 199-209.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V.. Papel dos avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: **Casal e família, entre a tradição e a transformação**, 1999, p. 118-149.

EUROPEAN COMMISSION. **Key Data on Learning and Innovation through ICT at School in Europe 2011**. Brussels: EACEAP9 Eurydice, 2011.

FLORES, Gisela C. **“Eu cuido dela e ela cuida de mim”**: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso. Dissertação (Mestrado em Enfermagem - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

GONÇALVES, Vitor; PATRICIO, Maria Raquel. TINA: um projecto para netos e avós. In: **I Encontro Internacional TIC e Educação**, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, 2011.

GONZALEZ, A.; RAMIREZ, M.; VIADEL, V. Attitudes of the elderly toward information and communications technologies. **Educational Gerontology**. 38, 9, p. 585-594, 2012.

HARPER, Sarah. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 25-38, 2005-2006.

IBGE: **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018

KACHAR, V. **Terceira idade e informática**: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Ed. Papirus, 2010.

_____. **Tecnologias – Ensino presencial e à distância**. Campinas: Ed. Papirus, 2006.

LOOS, E.; HADDON, L.; MANTE-MEIJER, E. **Generational use of new media**. England: Ashgate, 2012.

LOPES, E. S. L.; NERI, A. L.; PARK, M. B. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos sobre Envelhecimento**. Rio de Janeiro, 2005 p. 239-253.

MACIEL, P.; PESSIN, G.; TENORIO, L.. Terceira idade e novas tecnologias: uma relação de possibilidades e desafios. In: **Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades**, Niterói RJ, 2012.

MARQUES, JANE. Usos e Apropriações da Internet por crianças e adolescentes. In: **TIC Kids Online Brasil [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro, 2012 p. 189-199.

MARTINS, Aquiles. Envelhecimento, sociedade e cidadania. **Revista Transdisciplinar de Gerontologia**, Porto, Universidade Sénior Contemporanea, v. 1, n. 1, p. 77-78, 2007.

MEDEIROS, B.; FRANCISCHINI, R. Pesquisa e intervenção com crianças: a participação desses sujeitos enquanto pressuposto. In: Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança Pesquisa com Crianças, II: Desafios Éticos e Metodológicos. **Anais...** 2014.

MELCA, Fátima Maria A. **Ser uma avó cuidadora**: um estudo de caso. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, C. M. N. Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa. **Dissertação (Mestrado em Política Social)** – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa (2011).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Estados Unidos da América. 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>> Acesso em: 12 out. 2018

PACHECO, M. E. A. G.; ALVES, S. M. M. A função social dos idosos avós na contemporaneidade: uma análise preliminar da estrutura familiar. **Revista Conhecimento e Diversidade**, Niterói, n. 8, p. 93-103, jul. /dez. 2012

PASQUALOTTI, A; BARONE, D.; DOLL, J. As tecnologias de informação e comunicação na vida de idosos com sintomas de depressão: significado,

experiências e relacionamentos. **Saúde Sociedade**, São Paulo, 2012, v. 21, n. 2, p. 435-445.

PEREIRA, C., NEVES, R. Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 2011, p. 05-26.

RABINOVICH, Elaine P.; AZAMBUJA, Rosa M. M. Reconfigurando a imagem de avós na literatura infantil brasileira contemporânea. In: **A voz dos avós: Família e Sociedade**, v. 4. Curitiba: CRV, 2017, p. 93-110.

RABINOVICH, Elaine P.; AZAMBUJA, Rosa Maria M.; MOREIRA, Lúcia V. C. Significados dos bisavós para crianças baianas: **Kairós Gerontologia**, v. 17, n. 1, p. 179-199, São Paulo, 2014.

RAMOS, Ana Caroline. **Meus avós e eu**: relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva de crianças. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

RAMOS, Natália. Avós e netos através da(s) imagem (s) e das culturas. In: RAMOS, N; MARUJO, M.; BATISTA, A. (Org.). **A voz dos Avós**. Migrações, Memória e Património Cultural. Coimbra, Gráfica de Coimbra e PRODIG-NITATE, p. 33-56, 2012.

_____. Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; RAMOS, Maria Natália (Org.). **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. v. 5. Curitiba: Ed. CRV, p. 227-247, 2017.

_____. Relações e solidariedades intergeracionais na família – Dos avós aos netos. **Revista Portuguesa de Pedagogia, Coimbra**, v. 39, n. 1, p. 195-216, 2005.

_____. Relationships and Intergenerational Solidarities – Social, educational and health challenges. In: OLIVEIRA, A. (Coord.). **Promoting conscious and active learning and aging: How to face current and future challenges?** Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, University Press, p. 129-145, 2013. Disponível em: <http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/ebook>.

RAMOS, Natália. Tecendo laços e solidariedades entre gerações. In: BAR-
RADAS, S.; OLIVEIRA, A. (Orgs.). **Aprender, Envelhecer, Ser**. Agenda de
Gerontologia 2017. Coimbra: Alma Letra, p. 63-78, 2016a.

_____. Tecnologias digitais de informação e comunicação, interculturalidade
e formação docente. **EDAPECI**, Revista de Educação a Distância, Práticas
Educativas, Comunicacionais e Interculturais. Aracaju, UFS, v. 16, n. 1,
p. 9-30, 2016b.

RIVOLTELLA, P. C. Media e Comunicazione Intergenerazionale. **Dialoghi**,
Rio de Janeiro, Março, 2003, p. 28-37.

ROCHA, S. Laços afetivo-virtuais entre avós e netos. In: Congresso Inter-
nacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades – **Anais CONINTER**,
II. UFMG, 2013.

SOUSA, Liliana. Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afec-
tos. **Povos e Culturas**, Universidade Católica Portuguesa, n. 10, p. 39-50,
2005-2006.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS – SEI. **Projeções
demográficas apontam mudança de estrutura da população baiana até
2030**. Salvador, 6 set. 2013

TINTI, Simone. Cartoon Network divulga pesquisa sobre as crianças “multita-
refa”. **Revista Crescer On-line**, 2008. Disponível em: <revistacrescer.globo.
com/Revista/Crescer/0,,EMI11262-10540,00.html>. Acesso em: 29 nov. 2018.

VILLAS-BOAS, Susana et al. A educação intergeracional no quadro da educa-
ção ao longo da vida e do envelhecimento ativo. **Revista de Estudios e Inves-
tigación en Psicología y Educación**. vol. extr., n. 5, A5-189. Universidad de
Coruña, Espanha, 2017b. DOI: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.05.2584>

VILLAS-BOAS, Susana et al. A redução de estereótipos e atitudes negativas
entre gerações: O contributo da educação intergeracional. **Laplage em Revista**
(Sorocaba) v. 3, n. 3, p. 206-220, 2017a.